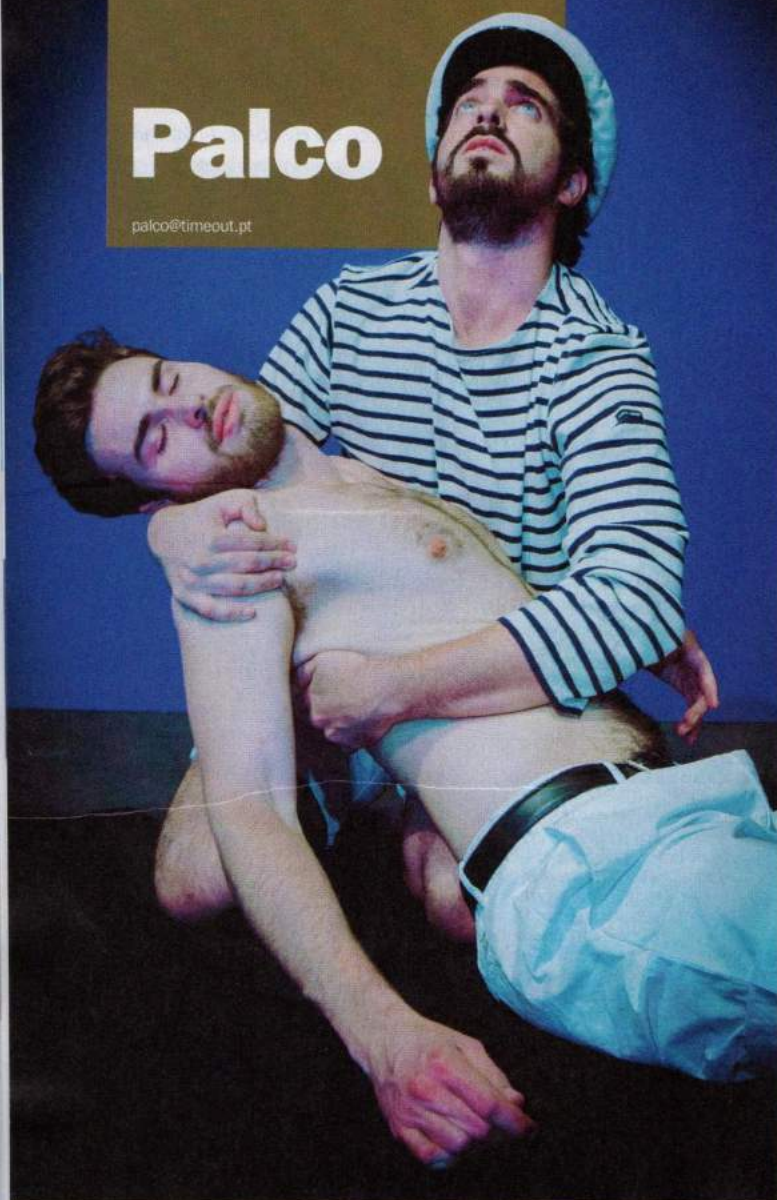


Palco

palco@timeout.pt



## Um teatro em polvorosa

Ricardo Neves-Neves encena, no Teatro da Politécnica, *A Noite da Dona Luciana*, uma comédia absurda e em turbilhão do argentino Copi, passada num teatro. **Eurico de Barros** foi confirmar o delírio.

Uma peça metida dentro de outra peça, um ensaio tarde da noite num teatro, um encenador convencido, uma actriz com tiques de diva, um técnico desdobrado em dois, uma velha *stripper* transsexual com uma fixação no encenador convencido e que vai pôr o ensaio em polvorosa, uma história em *vrille* de delírio e de *nonsense*.

Eis a descrição possível de *A Noite da Dona Luciana*, em cena no Teatro da Politécnica pela mão de Ricardo Neves-Neves/ Teatro do Eléctrico, peça do argentino Copi (aliás, Raúl Damonte Botana), também romancista e encenador, que passou parte da vida em Paris, onde morreu, em 1987, com 48 anos, conviveu com Jodorowsky, Arrabal e Topor no grupo vanguardista Pânico e tinha Beckett com uma das referências de escrita.

Ricardo “descobriu” Copi na Karnart, há mais de dez anos. “Aquela exuberância e aquela perversidade atraíram-me bastante, porque é toda uma estrutura, mesmo para teatro, absolutamente fora do comum. E a utilização da linguagem, que me interessa bastante, não é feita nos moldes mais clássicos ou sequer previsíveis”, conta o encenador. “Resolvi fazer Copi por causa do Jorge Silva Melo. Eu estava na *Morte de Danton* no Nacional, com encenação do Jorge, e pedi-lhe para me sugerir autores ou peças, e ele deu-me várias. Entre elas, havia algumas do Copi. O Jorge convidou-me então para fazer, nos Artistas Unidos, *O Frigorífico*, o que depois acabou por não se concretizar.”

Mas entre esses textos estava, precisamente, *A Noite da Dona Luciana*, com o qual se identifica mais “por ser talvez o texto menos *hardcore* do Copi, no sentido sexual e no daquela zona negra da relação dele com as drogas – eu não tenho experiência nessa área (risos).”

Desta peça, Ricardo salienta ainda, entre outras características que lhe são simpáticas, “a estrutura em turbilhão, os dois finais” e ainda “o muito material que o Copi nos dá para trabalharmos o absurdo, o ridículo, as diferentes zonas rítmicas, cores e temperaturas do texto”.

E temos de novo em *A Noite da Dona Luciana* uma encenação muito lúdica, muito “brincada”, típica e distintiva de Ricardo Neves-Neves, embora sempre dentro de um quadro de regras rigorosas que, além de ajudar a essa brincadeira, “dão leveza ao texto”, como frisa este.

“A questão da brincadeira está sempre muito presente, não sei se é uma fase, se é um tique, mas apetece-me continuar a encenar a brincar, dentro das tais regras rígidas e fixas. Ou seja, trabalho com seriedade e gosto que as pessoas sejam sérias comigo. Mas não gosto que me levem demasiado a sério, e eu evito levar-me demasiado a sério. Acho que o teatro deve ter uma grande margem de artifício e não queremos enganar as pessoas a dizer que aquilo é verdade. É verdade que o teatro está a acontecer e que estão ali os actores, mas o resto é uma fantasia que estamos a criar a partir de um texto que já está escrito, e depois construímos a partir dele.”

E a brincar, a brincar, com personagens clonadas, telefones mimados que descem e sobem do tecto, marionetas de ratos, muita correria e objectos que existem mas não são vistos, Ricardo Neves-Neves faz plena justiça à vertigem absurdo-satírico-vanguardista do texto de Copi.

### A Noite da Dona Luciana

De Copi. Encenação de Ricardo Neves-Neves. Ter-Qua, 19.00. Qui,-Sex, 21.00. Sáb, 16.00 e 21.00.6€ a 10€